

cadernos terra imatura

FOLHETO

Nº 111

DATA 25/11/02

1

ensaio de etnologia amazonica

sobre uma peça etnografica dos maué

BIBLIOTECA ARTHUR REIS
MANGUS-AMAZONAS

nunes pereira

FOLHETC
Nº 111
DATA 25/11/02



o remo magico dos maué num desenho de
barandier da cunha

introdução

Viajamos durante os meses de abril, maio e junho de 1939, pela provincia etnografica da Mundurucania, principalmente ao longo do Rio Andirá, explorado em 1876 por Haag e Rocheville, conciliando os estudos que o Ministerio da Agricultura nos confiou e os que nos estão preocupando, desde longos anos, e se relacionam com algumas tribus do Vale Amazonico, como os Parintintin, os Mura e os Maué.

A essa ultima tribu dedicavamos especial interesse porque, visinha embora dos Mundurucú, — gente poderosissima, de extraordinaria significação para a Historia da Conquista da Amazonia — mesquinhas noticias nos davam dela os naturalistas e os missionarios que, nos seculos XVII, XVIII, XIX, se lhe relacionaram. Da intimidade com os Maué recolhemos observações diretas; fizemos interpretações a vivo no meio em que trabalham e se reproduzem, mal assistidos dos poderes publicos, esbulhados por pseudos civilizados, ha seculos em luta com regatões e comerciantes inescrupulosos que lhes arrebataam, periodicamente, o principal, o mais valioso, o mais util produto da sua lavoura — o GUARANA'.

Plantadores da preciosissima sapindacea *Pau-linia sorbilis*, Mart., com virtudes medicinais universalmente apreciadas; aclimatadores, durante o periodo colonial, na Mundurucania, na Tupinambarania e no Rio Negro, de varios vegetais exóticos, com grande reputação economica, na época; colaboradores do Governo legal na reação contra os Cabanos, emprestando-lhe armas de guerra e utensilios de lavoura; defensores dos limites territoriais do Amazonas contra os assassinos, os tiranos do indio e do trabalhador rural, os latifundiarios e os comerciantes da Tapajonia; aliados dos Mundurucú na luta contra as correrias e as ciladas dos Mura e dos Yuma, os Maué bem mereciam que os conhecessemos melhor, para melhor os estimarmos e defendermos.

Como essa viagem e a permanência entre os Maué não nos parecessem, entretanto, suficientes aos estudos iniciados, ao regressarmos já nos preocupava a ideia de reve-los, de demorarmos com eles mais dias, afim de esclarecermos certas questões, concernentes á organização social da tribu, ás lendas e tradições recolhidas, aos usos e costumes fixados.

Tinhamos documentação fotografica bastante elucidativa, comprobatoria dessa viagem e desses estudos; mas, orientados num sentido diverso do da maioria de brasileiros estudiosos da ciencia dos povos, que é a etnologia, desejavamos robustecer afirmativas e conclusões acerca da tribu, ver até onde poderíamos aplicar na sua estrutura psicologica e material os metodos de indagação e de análise de um Levy-Bruhl, de um Freud, de um Malinowski, de um Frazer, de um Koch Grunberg, de um W. Schmidt, de um Thurnwald, de um Lowie, decifradores da mentalidade primitiva.

Tambem, relativamente ao material linguistico levantado e á peça etnografica — PORANTIN — encontrada no Alto Rio Andirá, havia necessidade de fazermos in-loco estudos comparativos e mais minuciosas investigações.

Di mais, o Brasil — e, nele, a Amazonia, principalmente — está carecendo de uma obra comum, de proteção, de investigação e de divulgação dos aspetos das culturas indigenas, ainda aqui existentes, das quais prestes veremos a desmoralização, em consequencia das deformações e corruções inherentes ao seu proprio progresso e do continente sul-americano.

Tinhamos, de memoria, acima disso, que, em 1934, numa das sessões ordinarias da Sociedade das Nações, o delegado argentino, Dr. Roberto Levillier, propoz que o Instituto de Cooperação Intelectual desdobrasse a sua atividade "empreendendo um amplo estudio sobre las orijenes de la civilización americana".

Acerca das culturas indigenas precolombianas dizia, então, o Dr. Roberto Levillier que "... se sabe hoy mucho más que lo que se sabia veinte anos atrás. Tal resultado se debe al esfuerzo aislado de los gobiernos, de las instituciones y de los inves-

tigadores que trabajan sin vinculacion ni objetivo comunes.

Ha llegado el momento — acrescentava — de que se escriba la historia de esas diversas culturas y de que se establezca un encadenamiento, encomendando estudios a un grupo de americanistas competentes de todas las naciones, dentro de un plan previamente establecido".

E, referindo-se á historia, achava o Dr. Roberto Levillier que já era oportuno coordenar as riquezas documentais encontradas nos Arquivos Públicos, tão ignorados, muitas vezes, pelos proprios governos das Americas.

Da data dessa atitude do ilustre argentino até á recente reunião do Congresso de Americanistas, em Lima, apareceu em lingua espanhola, na Europa, a obra de Péricot que encabeçou ali um movimento espetacular de estudos americanos, sendo a parte referente ao Brasil entregue a Jayme Cortezão, quando criterioso e logico seria dividir esse encargo com o escritor portuguez e com um escritor brasileiro.

A guerra civil, porém, na terra dos Cortez, dos Pizarro, dos Balbôa, dos Nuflo Chaves, dos Orellana, dos Pinzon, embaraçou, a ferro e a fogo, a marcha desses estudos, não tendo nós, por emquanto, nenhuma noticia relativa ás obras da monumental coleção, já anunciadas.

Na Argentina, dentro do mesmo periodo, tambem, Imbelloni, cujos estudos, em LA ESFINJE INDIANA, já o apontavam como um dos mais operosos e dos mais lucidos investigadores dos agrupamentos humanos da America do Sul, ideou e organizou a Coleção HUMANIOR, traçando no prefacio de sua obra, "CULTUROLOGIA", além de uma admiravel sintese do metodo historico-cultural, um plano de estudos sul-americanos não menos espetacular que o iniciado por Péricot em "AMERICA INDIANA".

Mas no Brasil, desgraçadamente, nenhum movimento em favor de igual direção e igual coordenação de estudos indigenas se está verificando, não obstante, por exemplo, o esforço isolado dos diretores da BRASILLIANA.

Alguns nomes têm aparecido impondo obras: Roquette, Estevão Pinto, Plinio Ayrosa, Eugenio de Castro, Angyone Costa; outros têm aparecido subscrevendo traduções de obras de naturalistas estrangeiros que visitaram a nossa indiada: Lucia Turquin Lahmeyer, Sussekind de Mendonça; estão, porém, isolados na amplidão geografica do País.

Raros nomes, entretanto, são apontados como pertencentes aos de um outro grupo de estudiosos que teimam, como Mario Mello e Carlos Estevam, no Nordeste, Roquette e H. Baldus, no Sul, e Curt Nimuendajú, na Amazonia, em colher material etnologico e etnografico, diretamente, das fontes dispersas pelos sertões longinquos e pelas selvas intransponiveis.

Um mestre de sociologia, como Gilberto Freyre, não tem, entre nós, a incumbencia de orientar as pesquisas necessarias para o conhecimento da sociologia cultural, nesta ou naquela provincia etnografica.

O seu nome, assim, não assinala, como o de Basadre, no Perú, uma ligação mais intima com um movimento carateristicamente atual ou tradicional, de estudos indigenas em nosso País.

Dando á publicação, agora, o trabalho que subscrevemos de um angulo da Amazonia, é claro, puzemos nesse gesto, principalmente, o empenho de juntarmos a nossa voz á de todos os estudiosos das culturas indigenas que, neste instante, dentro das Americas, clamam pela ideação, coordenação e direção de um movimento mais amplo que o da Espanha e o da Argentina, movimento capaz de integrar-se no ritmo por que tanto se bateu, ha cinco anos passados, na Sociedade das Nações, o Dr. Roberto Levillier.

Pois, na perspectiva fisica das Americas, ao contrario do remoto conceito de Ibsen, todo indio que se isola, si não é um enfermo ou um vencido, é ali, apenas, como certas montanhas andinas e certos vegetais amazonicos, um magestoso e inacessivel ponto de referencia.

fontes históricas acerca dos maué

NATURALISTAS, missionários e aventureiros, que nos três últimos séculos da Conquista da Amazônia percorreram a extensa província etnográfica banhada pelo Tapajós e pelo Madeira — através da qual, também, correm o Andirá, o Maué-assú, o Mamurú, o Mariacuã, o Canumã, o Abacaxis, o Sapucaia, o Apoquitaua, os paranás do Ramos e do Urariá — si defrontaram os bravos e aguerridos Mundurucú, puderam defrontar, igualmente, os habels e pacíficos MAUÉ.

Nas obras desses viajantes, no entanto, nem sempre são minuciosas e variadas as referências e notícias a respeito dessa tribo, devendo-se a Martius, indiscutivelmente, entre os naturalistas estrangeiros, e a Barbosa Rodrigues, entre os naturalistas brasileiros, bem como a Betendorf e Frei João de São José, entre os missionários jesuítas e beneditinos, aquelas que, embora deixando de satisfazer totalmente nossa curiosidade, melhor a estimularam, impelindo-nos á apreciação da sua cultura material, da sua cultura moral e da sua cultura espiritual.

Quanto aos primeiros contactos dos povoadores portugueses com os MAUÉ varias são as referências e notícias que podemos colher nos tomos da revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, principalmente entre as que tratam dos Mundurucú, dos quais os MAUÉ foram inimigos, primeiro, depois aliados e, por fim, amigos, chegando indivíduos dessas tribus a viver em promiscuidade ás margens do Tapajós e do Maturá, no dizer de Trajano de Moura e de outros.

E, nos Arquivos das Bibliotecas do Amazonas e do Pará, existem documentos preciosísimos, do ponto de vista histórico, político e social, e mesmo etnológico, que estamos consultando em companhia do historiografo amazonense Arthur Cesar Ferreira Reis, sendo ali essas referências e notícias tão numerosas e interessantes que só numa obra de maior vulto as poderemos reunir e divulgar. Também, em algumas obras antigas, como as de Castelnau, Coudreau e Bates, ocorrem iguais notícias e referências, podendo completa-las ou esclarecê-las inúmeras outras, constantes dos relatórios dos presidentes das províncias do Grã-Pará e do Amazonas.

Do emprego dessa gente nas aldeias sujeitas á fiscalização das autoridades portuguesas, na fundação de povoados e vilas, em obras profanas e religiosas, sob a pressão dos descimentos, da disciplina das missões, do regimen de trabalho agrícola-pastoril e de outras formas de trabalho que lhes exigiam, ha notícias que sempre salientam os talentos dos Maué na arte plumaria e na espartaria, no plantio do guaraná e comercio do produto com os habitantes de Culabá e da Bolívia, no cultivo de vegetais exóticos, vindos da Índia e do Reino. E, ainda hoje, aquela mansidão e aquela habilidade, características da tribo, repontam de episodios imemoriais e de lendas que escutam, em contraste com as ações dos seus caluniadores e corruptores.

E' verdade que o Governador Fernando da Costa Atayde Teive, em 1769, com eles proibiu comercio, imputando-lhes instintos e atos em desacordo com a sua verdadeira psicologia e a sua movimentadíssima tradição.

As causas determinantes da atitude que, então, ao tempo e antes do citado Governador, teriam tomado os MAUÉ, deveriam buscar-se, como as dos índios do Rio Grande do Norte e as dos Índios do Maranhão, num reflexo natural, de irreprimível reação, de justificável revide contra a brutalidade da gente que a Metrópole encarregava, na Ribeira do Assú ou no Pindaré, no Vale do Prata ou no Vale Amazônico, da pacificação, da catequese, do aproveitamento das energias físicas daquela outra gente cuja expressão intelectual e cuja tragedia humana ainda eram discutíveis...

Pela violencia dessa reação, nós o cremos, será fácil avaliar-se os maus tratos, as sevícias, as humilhações e as provações que constituíam os métodos de exploração desses índios e os processos de aculturação que lhes imprimiam, maxímé considerando-se-lhes a celebrada índole e procurando-

se-lhes reconstituir a organização social com os dados que estão sobejando nos aldeamentos do Alto Andirá, e, é bem provável, no Curauahy, isto é, entre o Tapajós e o Alto Andirá.

Essa reação, como tantas outras, possivelmente, se originaria da licenciosidade e da ganancia do povoador, da precaria moral deste ou daquele diretor de índios, ou da inhabilidade deste ou daquele catequista, querendo levar os MAUÉ á pratica de atos e de ceremonias em contradição com as da sua mitologia natural, com os deveres das suas sociedades secretas, com as normas do seu código moral, com a sua estrutura racial, com a sua direção biológica, dentro da paisagem caótica do Vale.

Que essas devem ter sido sempre as origens de todos os conflitos entre os povoadores europeus, ontem, e os pseudos civilizados, hoje, em contacto com as populações indígenas e mestiças das Americas.

Investigações de certos panoramas da cultura espiritual e da cultura material dos MAUÉ bastam, por si sós, — a despeito dos termos da carta circular do Governador Atayde Teive — para os absolver.

E praticas, usos e costumes desses índios aí ecção, em nossos dias, a recomendar-lhes a moralidade, as virtudes domesticas e sociais, a capacidade de ação, o respeito á palavra empenhada e uma porção de sentimentos expressos na melodia dos seus cantos e no ritmo das suas dansas, como na FESTA DA TOCANDIRA, e na poesia das suas lendas, como a do GUARANA' e a do TIMBO', a da ORIGEM DA NOITE e a da PEDRA NÓIATÊC.

Tivemos, ha anos, o contacto dos Mura e não nos foi difícil defende-los de algumas das acusações que lhes lançaram — naturalistas, missionários e aventureiros — sobresaindo dentro tantas as de Bates, que levantou a hipoteze dos Mura não pertencerem ás nobres tribus de agricultores, que constituem a nação Tupi e os comparou aos Semangs de Malaca, em relação aos Malayos, além de dar curso a opiniões que lhes imputam preguiça, desonestidade, deslealdade e crueldade.

A' falta de estudos pormenorizados, de investigações psicologicas e sociologicas mais perfeitas, é que devemos, do mesmo modo, relativamente aos MAUÉ, alguns conceitos pejorativos, descrições fantásticas e mesquinhas, adensando, ano a ano, cada



um mestiço maué, pilador de guaraná

vez mais, a cortina de indiferentismo que, inexplicavelmente, os cerca e anula.

Dissemos que Martius foi dos que mais se distinguiram na revelação dos MAUÉ; e, até agora, não lhe podemos opôr quem nos dê da sua fisionomia física e da sua fisionomia moral mais precisos elementos para a recomposição da sua verdadeira individualidade.

Dai os estudos que estamos realizando, orientados pela moderna tecnica de investigação etnológica e etnográfica, sem desprezarmos, entretanto, certas contribuições de indiscutível procedencia.

Em nossos dias, estudando outros agrupamentos indígenas do Vale Amazonico, como os Parintintin, os Apiaká, os Kuruayá, Curt Nimuendajú, insigne etnologo nele racicado, depois de revolver grande parte das fontes historicas, ora referidas, foi levado a considerar, numa travessia do Tapajós para o Amazonas, descendo pelo Mariacuã abaixo, alguns individuos da tribu MAUÉ, que ali vivem em trêda miseria e inesplicavel abandono.

Desse contacto, rapido embora, resultou a ampliação de um vocabulario MAUÉ, cujo levantamento iniciara no Posto indigena do Maicy, Rio Madeira, com Antonio Ferreira Lima, do Maué-Assú, em junho de 1922, mas nenhuma outra pesquisa, de carater etnologico e etnografico, foi realizada,

Devemos a Curt Nimuendajú, porém, as indicações bibliograficas da maior parte das noticias referentes aos indios MAUÉ, que hoje nos são familiares, copias dos vocabularios de Hartt e de Katzer, e, do mesmo modo, algumas sugestões para mais proveitosamente estudarmos essa tribu, cujos representantes já rareiam no Mamurú e no Mariacuã, estão densamente mestiçados no Marau e ao longo do Maué-Assú, já não existem no Urariá e no Apoquitaua, mas, ainda assim, conservam aspetos altamente curiosos, entre os dois a tres mil individuos do Andirá, principalmente das cabeceiras, onde estive- mos em 1939.

Tambem lhe devemos o haver reforçado em nosso animo a duvida acerca de um remo pintado (porantin ou aiêcaiká, em Maué antigo), conservado na TERRA PRETA, Alto Rio Andirá, sob a guarda do "tenente" Manoel Francisco da Silva que é, na tribu, dos que melhor conhecem e explicam o simbolismo dos desenhos esgravados no referido remo.

A presença desse remo entre os MAUÉ, que não são, como outros tupi, grandes canoeiros e remadores, nos levou a novas buscas nas fontes de informações sobre os antigos e os atuais senhores das florestas e campinas do Alto Rio Andirá, principalmente aquelas que lhes assinalam a presença no Rio Negro. A comunicação que se segue foi revigorada nessas fontes, embora acreditássemos que a historia antiga (denominada pelos MAUÉ "séhahpóri" e cuja narrativa, segundo os mesmos, foi iniciada pelo tuxaua UAÇIRI-PÓT) e as lendas condensadas nos simbolos do famoso remo, melhor que essas fontes, poderão explicar-lhe a presença na TERRA PRETA.

Como se vê, não nos cabia despreza-las; e foi o que fizemos, chegando a conclusões opostas á de Curt Nimuendajú e á nossa primeira conclusão, tam-

bem. Solicitando, neste momento, a atenção dos estudiosos para essa peça etnografica, nosso intuito é salientar o valor dos simbolos nela esgravados, porque a sua representação — embora, á primeira vista, não pareça inspirada em séres, bichos e plantas, da MUNDURUCANIA — denuncia as secretas correspondencias da alma primitiva dos MAUÉ com o mundo mitologico e com o mundo tropical e ainda lembra áquele povo os fundadores e os chefes da tribu, quer numa ação heroica, quer numa cerimonia religiosa, quer numa atitude de magia. Contemplemos, portanto, a peça que ai está, nas fotografias tomadas na TERRA PRETA.

NOTA. — No fim do presente trabalho apusemos dois documentos — dentre inumeros outros que figurarão num estudo mais amplo sobre os MAUÉ — encontrados na "Correspondencia de diversos com os governadores", entre 1752 e 1760, existente nos arquivos da Biblioteca Publica, de Belém, no Estado do Pará. O crime a que se refere um deles deveria, ligado e outros, ter determinado a "carta instrutiva que circularmente (Atayde Teive, segundo o Ouvidor Xavier Ribeiro Sampaio) "enviou" a "todos" os diretores das suas capitancias do Pará, e Rio Negro. Fotografias originaes foram apenas, tambem, ao presente estudo.



um pagé e seu ajudante

para compreensão dos maué

HABITAÇÃO

O primitivo tipo de habitação dos indios MAUÉ sofreu largas modificações sob a influencia dos colonizadores e dos civilizados (sic) que lhes são visinhos ou que frequentaram nas cidades e vilas da Mundurucania e Tupinambarania. Nessa habitação, entretanto, permanecem traços, de extraordinaria resistencia ás inovações; a cobertura é feita de palha da palmeira caraná e o tecido, gracioso e simples, supera o que conhecemos noutras habitações indígenas. E os compartimentos, alguns bem amplos e arejados, têm uma importancia social caracteristicamente Maué.

A habitação, a casa denomina-se em Maué-NÉTAP.

Nessa habitação os estelos se chamam "iangupé coró"; o travessão — "pá-óp"; a cumieira — "handicán".

O quarto, onde mora o dono da casa, se diz, em Maué, "Nétáp cauiát két hap". E, "nesse quarto mora o dono da casa com a sua familia, do mesmo modo. O quarto onde dormem os rapazes (filhos, sobrinhos) se chama: "Cupiarapé".

O quarto onde mora um filho ou uma filha casada, um compadre, se chama: NÉTAP.

Naquele quarto dorme o compadre com a sua

família, diz-se em Maué: "Nun é úátucá pé pe Com-padre toquéte te hirocaria uêué".

A cosinha onde ha forno chama-se "mêp-iat"; aquela onde não ha forno "míumúnháp".

A casa da Dansa chama-se "airú-iat"; a sala chama-se "uquepê"; porta é "uquên-hêp"; janela, que é uma das inovações, não tem nome em Maué. Giráu chama-se "paracai" e o mesmo vocabulo designa moquem.

Nalguns aldeamentos vi uma casa singular: a das mulheres menstruadas, que se chama "MÊHUAT HARIAGAT". Nalgumas aldeias as mulheres, nesse estado, ficam recolhidas ao quarto das solteiras.

MEIOS DE LOCOMOÇÃO

Servem-se de canoas, nas suas viagens pelo Andirá e afluentes. Canoa, em lingua Maué, é "iará"; remo é "apokuitá". As suas embarcações são adquiridas em Parintins ou em Maués; outras vem do Santaiém, como encomenda. No entanto ha quem as fabrique, com as excelentes madeiras para construção naval que existem nas matas do Alto Rio Andirá. O tuxaua Honorio, do Livramento, quando por lá passamos, nos emprestou uma canoa, das que tem construído. No seu lugar havia uma barraca velha onde improvisara um estaleiro. O tipo de remo usado pelo Maué é inteiramente diverso do PORANTIN: assemelha-se ao comumente empregado, pelos civilizados e caboclos, em toda a Amazonia.

São grandes andarilhos, vencendo, com incrível resistencia e velocidade, as maiores distancias. Iam, do Alto Andirá, do aldeamento do ARATICUM ás margens do Tapajós, em seis dias. Do centro para a margem do Ramos, por cima das terras altas do Andirá, fazem travessias assombrosas, em poucos dias.

LAVOURA: ROÇAS E PLANTIO DO GUARANA'

Fazem grandes roçados, neles plantando mandioca para farinha e preparo do tarubá. Plantam milho e arroz, cará, batatas doces, feijão, favas. No plantio do cará e de outros vegetais que se caracterizam pela produção de tuberculos e rizomas comestiveis, realizam uma pratica de magia.

Com um craneo bem limpo de cabeçudo, (chelonio da Amazonia) enterrada a batata, arrastam para a cova a terra que a entulhará. Acreditam qhe, por esse processo, as batatas e os rizomas se distinguirão dos demais pelo desenvolvimento que atingirão. O plantio do guaraná obedece ás mesmas exigencias, de escolha das sementes, do preparo do terreno, dos cuidados com os rebentos, abrigando-os da luz solar e defendendo-os contra pragas. Distinguem-se dos civilizados, nesse plantio, porque selecionam as sementes e as plantas poucos dias logo após a colheita, com o anilo ainda não entrado em fermentação. Por ocasião do plantio de novas areas de guaraná mandam chamar pagés que fazem ceremonias que beneficiarão as futuras colheitas. E comemoram o fato com dansas, ao som de violas, de gambás, de caixas, de récos-récos. E bebem um turubá forte.

Na vizinhança de casa plantam inumeros pés de café, que torram e bebem como os civilizados.

Arvores frutíferas, laranjeiras, abiuzeiros, mangueiras, mamoeiros, coqueiros lhes cercam a habitação.

E, em giraus, têm pimenteiras, cebolinha e cuentro, jambú, uma ou outra herva medicinal, como capim santo e arruda.

CAÇA E PESCA

São bons caçadores, servindo-se, geralmente, de arco e flexas, raras vezes envenenadas. Caçam tambem com espingardas de carregar pela boca e Winchester e rifles que adquirem por custo exorbitante, verdadeiramente proibitivo, aos comerciantes de Maués e a regatões sirios e brasileiros que os exploram.

Na caça, abatida uma ave, tiram-lhe as penas e plumulas do peito, de roda ao pescoço, fazem um fogo e as queimam, defumando com elas as armas. Banham estas, e os cães, tambem, com agua de uma planta do igapó, denominada jasmim de lontra. Um caçador nos aconselhou a, — para tornar nossa arma de caça feliz, — deixarmos uma cobra cipó apodrecer dentro do cano da mesma.

Mulheres gravidas e menstruadas não podem pegar na caça e nas armas.

Pescam a flexa e a anzol, com jiquis, tapagens e a timbó; fazem paris á saída dos igarapés; empre-

gam, no verão, tarrafas, que tecem. No inverno o Andirá e seus afluentes são pobres de peixes.

TRABALHO

No plantio e na colheita o regimen é do putirum ou puchirum. Mas póde haver, tambem, pagamento, em generos, em objetos de uso.

Si um individuo encarrega outro de fazer um trabalho, na roça ou uma viagem, sempre o faz diante de uma cuia de guaraná, que chamam "çapó". E paga-o, a generos ou com trabalho, num putirum.

Mulheres e crianças trabalham nas derrubadas e nas roças e ajudam nas pescarias.

ALIMENTAÇÃO

Apreciam todas as frutas silvestres e as comem frequentemente. Quanto aos produtos da lavoura, milho, arroz, mandioca, batatas, carás, castanhas, os Maué os consomem, ora com abundancia, ora com parcimonia. E são obrigados a jejuns frequentes, em consequencia. Como não podem caçar todos os dias e porque a caça rareia, ora nesta ora naquela zona, quando a conseguem... fartam-se. Os cães, geralmente famintos, tambem se fartam. Têm praticas de abstenção e preferencias. E, tanto da caça como da pesca, exigem os "morceaux du roi". Essas peças algumas vêses são cozidas e outras assadas, moqueadas.

Entre os "morceaux du roi" distinguem: da guariha o gogó, o figado, as mãos, geralmente gordas; do veado os quartos e o figado. Das tripas deste quadrupede, como dos demais animais, fazem um prato "imêen-pêmon": — mujiça de bucho.

Apreciam o inhambú assado e o cojubim, igualmente. O mutun é cosido e tambem assado. Comem formigas. A sauva é torrada, pilada e transformada em passoca. O mesmo fazem com o cupim. Torrado, seco ao moquem, onde o põem embrulhado em folha de bananeira, é comido saboreadamente. Nós achamos o prato excelente, com um gosto de terra.

As parturientes e as moças, por ocasião do primeiro fluxo, estão sujeitas a abstenções e a preferencias. As moças comem urupê, apanhados pelos pais na roça. As parturientes, depois de um mês de resguardo, bem como o marido, depois de um regimen de mingaus e "çapó", assim que a criança completa um mês, e, ás vêses mesmo com quinze dias, comem um inhambú. As moças comem tucano e inhambú. Apreciam um sapo, que chamam "marau". No lugar Marau, acima de Maués, domina esse sapo.

NACIMENTO

Quando nasce uma criança os pais são sujeitos a resguardo. Só comem sauva, urupê e "maniuára", que é um formigão das TERRAS. Antes do parto, para que o mesmo não seja trabalhoso, banham os quadris da mulher com agua e cinza da caveira de paca. Usam, tambem, nesses banhos, cascas de ovos de aves.

PUBERDADE

Os cronistas da tribu, como Martius, descrevem exageradamente as ceremonias concernentes á entrada das meninas na puberdade. O resguardo é longo, dura dez meses. Só depois disso podem andar, dansar. Só comem inhambú, tucano, urupê, formigas. Não comem peixes nem caça grande. A festa da puberdade dos rapazes não foi bem descrita por Barbosa Rodrigues. Numa dansa da TOCANDIRA são ferrados, indistintamente, meninos desde a idade de seis anos e rapazes até com vinte anos. Nessa idade a festa tem outra significação. O que recolhemos a respeito nos autoriza a afirmar que a descripção de Barbosa Rodrigues está errada. Nessa festa, já hoje, não ha mais o emprego do paricá. A bebida tipica é o tarubá fortissimo, cuja embriaguez, dizem, dura trinta dias.

A DANSA DA TOCANDIRA ainda está por ser descrita; pensamos poder promover em fins de Outubro de 1940 uma festa completa, no Livramento. MORTE

Enterram hoje os seus mortos em cemiterios a margem dos barrancos, pondo-lhes nas coças os objetos de uso. Quando morre um tuxaua toda a população, que lhe está diretamente sujeita, faz grandes demonstrações de pesar e de desespero e guarda luto durante um ano si o tuxaua é geral.

A familia "guarda-se", não comendo nenhum peixe pegado a anzol ou com timbó. Não comem caça remosa nem bananas.

Assistimos a um enterro, isto é, ao transporte de um cadáver de menina, morta de febres. Haviam deitado o corpinho sobre uma taboa e achegado outras e posto outras mais sobre o cadáver, amarrando tudo, a falta de prego, com envira.

FESTAS

A principal é a DANSA DA TOCANDIRA ou FESTA DA TOCANDIRA, descrita por Barbosa Rodrigues. É uma festa de extraordinária importância e significação social e religiosa; é uma festa de iniciação, de grande movimento e beleza. Um dos seus mais preciosos aspectos é o do canto, da exortação lírica para o trabalho, para a guerra, para o amor. Alguns dos motivos que colhemos são de uma extraordinária moralidade.

O tuxaua Honorio, sentado numa rede, brincando com um dos netos, o ia iniciando nos passos da dança, e, paralelamente, cantava trechos dos versos que costumam cantar os iniciados e um dançarino que os acompanha durante toda a dança.

Os "carys", luvas de palha e de pluma que o iniciado calça para ser ferrado por dezenas de tocandiras, são admiravelmente trançados. Penas e plumulas de aves, de cararás, de gavião-real, recobrem alguns deles. Cocares são confeccionados com penas e plumulas das mesmas aves.

CASAMENTO

As uniões se fazem, às véses, como uma imitação do casamento do civilizado.

A regra, porém, é a união ao capricho dos instintos. A mulher, impubere embora, se une a um homem, ao fim de um simples entendimento.

O tuxaua do Araticum, que viveu com uma família de nordestinos, no Paraná do Ramos, disse-nos haver estabelecido que nenhuma moça ali se casaria com idade abaixo de dezoito anos. Os demais tuxaus não nos revelaram interferência nessas uniões. E não ha cerimoniaes especiais.

Barbosa Rodrigues, descrevendo, no tratado da emancipação dos Maué, a Festa VEAPERIA, pretende que, anualmente, ao ser a mesma realizada, á ordem do chefe da Malóca, e em presença dos pais, o neofito recebia a sua companheira, que dele se compadecera, assistindo-lhe a iniciação, da qual o uso do cary, fervilhando de tocandiras, era a prova mais cruel.

Hoje em dia póde ocorrer uma dessas uniões, por ocasião da Festa da Tocandira, — quer inspirada pelo sentimento de piedade, quer por outro sentimento — mas não quer dizer que isso seja obrigatoriamente respeitado por tradição ou por convenção social ou religiosa.

Basta saber-se que desde a idade de seis anos meninos tomam parte na festa (de iniciação) da Tocandira.

Tambem não acreditamos que o contato sexual atenuasse as dores causadas pelas ferroadas das terríveis formigas, pois, com esse intuito, os Maué, na referida festa, tragam grandes cuias de tarubá fortissimo, cuja embriaguês, dizem, dura 30 dias.

O tuxaua intervem sempre em tais uniões; é aos pais dos pretendentes, — da moça, sobretudo, — que se deve o consentimento.

Em geral, o moço pede aos pais da requestada consentimento para a união, e, esses, depois de longo e cuidadoso conselho, consentem.

O casal vai viver em barraca propria, mas está sujeito á vontade do sogro, trabalhos, etc..

TOTEMISMO

A vegetais e animais, principalmente, recorriam os Maué como a prototores, ou deles se diziam e dizem ainda oriundos.

As suas "nações" se denominavam, por isso: Assay, Catéré, Uaranan, Nap-uá-nian, Acorêriua, Anituria e Huiria.

A cerimonia de queimar o caçador as penas das aves abatidas se prende naturalmente á crença em tais totens. E a arte plumaria, em que tanto sobressaíam os Maué, devia ter tido como origem o culto de totens como o gavião e outras aves.

DEPRAVAÇÃO

Não conhecem certas depravações sexuais em que se salientavam outros povos tupi.

Ridicularisam sempre a civilizado que disse cuida, pedindo-lhes receitas afrodisiacas.

Não empregam as ferroadas de formigas como excitantes e congestionantes dos órgãos sexuais, tal qual faziam os Parintintin.

Asseveram-nos, entretanto, que a ferroadada da formiga taóca dá á vítima um grande poder de atração e dominio...

A ferroadada da taóca, como se sabe, dóe vinte e quatro horas.

ARTE PLUMARIA — ESPARTARIA—ESCULTURA ?

Dessa arte pouco material se encontra hoje, entre os Maué. Ainda ha quem se saiba servir da plumagem das maravilhosas aves das matas do Andirá, mas toda a arte ficou restrita aos carys e aos cocares para a DANSA da TOCANDIRA.

O mesmo podemos dizer da espartaria.

Urús, paneiros, cestos, puçás, peneiras, abanos, vassouras, jamachis são tecidos pelos Maué com a palha das palmeiras existentes nas matas e nos igapós do Andirá. Hoje é comum encontrar-se chapéus magnificamente tecidos por essa gente. Alguns urús são tecidos com palhas pintadas a negro ou a vermelho. O formato de alguns urús lembra o de habitações asiaticas. Esculpem aves e passaros — toda a fauna ornitologica do Andirá — no endocarpo do tucuman, á ponta de canivete.

BIBIDAS E ENTORPECENTES

A bebida típica da tribo, a de maior significação religiosa e social é o "Capó". Essa bebida é o proprio guaraná ralado na ocasião, geralmente pela dona da casa. O pão de guaraná é atritado contra uma pedra de grão fiissimo, o que permite obter-se um pó facilmente solúvel na agua.

Ha um ritual a respeitar-se por ocasião de uma bebida coletiva de "capó". O dono da casa, tomando da cuia, que lhe é posta diante, equilibra-a sobre um suporte, de modo a manter o liquido num plano horizontal. As demais pessoas presentes, depois que o dono da casa bebeu, se vão servindo sucessivamente da direita para a esquerda.

Os Maué a todo instante estão dispostos a tomar "capó". Eles acreditam que bebido associadamente favorece todos os negocios, dá alegria e estimula ao trabalho. Não acreditam, porém, que essa bebida seja afrodisiaca. Achaem que a formiga taóca é que tem essas virtudes... Ridicularisam o civilizado apontando-lhe outras praticas. Como acima dissemos, não usam mais o paricá. Desconhecem o ipadú.

A LINGUA PORTUGUESA E AS MULHERES

As mulheres são proibidas de falar o português. Privando-se com elas sente-se que algumas têm o desejo de falar, mas não o devem fazer. Algumas, cujos pais e irmãos falam o português, denunciam que o compreendem. Nas dansas as mulheres casadas são escludas; só dansam as solteiras. E respeitam tanto esta como a outra proibição.

PAGÉS

Antigamente os pajés da tribo eram poderosos. Nas lendas do ciclo do PORANTIN aparecem animais, sobretudo os aquaticos, que eram pagés ou feiticeiros. Todos os peixes de pele, remosos, eram feiticeiros. Os "muricariua", da LENDA DO TIMBÓ, eram donos da AGUA. O jejú vivia no poço da PRIMEIRA AGUA.

Hoje, ainda ha pagés, curadores e feiticeiros. Manoel Francisco Baptista é um curador, exercendo as suas atividades no lugar SANTA CLARA. Nós o visitamos numa noite de consultas. E, pela manhã, peusou para a nossa objetiva.

O pagé típico, de maior conceito na tribo, é Isaías Dias, irmão do tuxaua Honorio, de Livramento. É ele quem realiza cerimoniaes que propiciam ótimas colheitas de guaraná. Todo guaranazal tem de ser, invariavelmente, "benzido" pelo pagé.

Recolhemos uma linda letra de cantico de pagé, para abertura das funções. O pajé tem sempre um ajudante. O curador Baptista emprega cachaça, como "marrê", nas sessões, mas Isaías e os antigos pagés usavam o "tarubá" forte como "marrê".

MEDICINA

A medicina é exercida sempre pelo pagé, mas, tanto o homem como a mulher Maué, e até mesmo as crianças, conhecem as propriedades das plantas, insetos e animais uteis á saúde. Para afastar a MÃE DA DOENÇA, costumam tatuar-se com sumo de genipapo e suco de urucú.

COMERCIO

Grandes produtores do melhor guaraná que se consome em Mato Grosso, os Maué têm transações comerciais com a praça de Barrerinha e Maués. Estrangeiros são os seus patrões.

HISTÓRIA DO TIMBÓ E DA PRIMEIRA AGUA

"Nimón-airéun-né", (isto é, antigamente, quando ainda os Maué não existiam), existiam dois irmãos: "Ocúmáató" e "Icuaman".

Um dia "Icuaman" convidou "Ocúmáató", todos os bichos da terra e os peixes ("muricariua"), para uma reunião ("terôa (t) tónun").

Nessa reunião principiaram logo a tratar de muitos assuntos ao mesmo tempo o Jejú e o Matrinchão, nada dizendo, porém, de acertado.

Falou o Jejú, primeiro; depois, no intervalo da conversa outros bichos presentes, falou o Matrinchão.

Ora, "Icuaman" tinha levado consigo o seu único filho, criança muito ladina ("tuúé-ên") que, notando os erros do Jejú e do Matrinchão, se pôz a corrigi-los, divertindo com isso as pessoas presentes.

O Jejú e o Matrinchão, zangados, fizeram uma pagélança ("toéhuipê (t) auá") para o menino adoecer.

Ao chegar em casa o menino adoeceu, morrendo depois de muitos sofrimentos.

"Icuaman", diante do corpo do filho, jurou vingar-lhe a morte um dia, atribuindo-a ao irmão. E foi enterrar-lhe o cadáver.

Enterrou primeiro a perna esquerda: dela nasceu o "timbó-urucú-ocúhup", isto é, o timbó falso.

Depois, então, enterrou a perna direita: dela nasceu o "timbó-cipó-ocúnhén", isto é, timbó verdadeiro.

Ora, junto a "Ocúmáató", irmão de "Icuaman", morava o "Surury-tênón", que tinha um filho, — muito ladino e muito curioso —, chamado "Surury-pacú".

O "Surury-tênón" proibira o filho de ir á casa dos seus tios, o Jejú e o Matrinchão e a Traira, porque, como todos os muricariua (peixes) eram feiticeiros maus.

O menino, porém, desobedecendo-o, um dia foi á casa dos tios, pois ouvira, em conversa do pai com outros, que um dos seus tios, o Jejú, tinha inventado, por meio da magia, a Primeira Agua.

Ao chegar á casa dos tios não os encontrou, mas encontrou a tia, — a Traira — mulher do Jejú. Os tios, disse-lhe a velha, estavam fazendo uma viagem.

A mulher do Jejú não gostava do sobrinho, mas o recebeu bem, fazendo-o sentar-se.

E conversou com ele.

O menino não se cansava de conversar, tudo querendo saber; mas, em verdade, só desejava saber si o tio, o Jejú, tinha inventado a Agua ("êê"). Estava pondo na conversa muito disfarce, para provar desinteresse pelo verdadeiro motivo da sua visita aos tios.

De repente pediu á tia que lhe mostrasse a Agua que o tio havia inventado.

A Traira ficou muito espantada quando o sobrinho lhe falou na Agua:

— Quem te contou

— Ouvi falar...

A Traira mostrou-lhe, então, uma poça pequenina onde estava a Agua. (Poça "pequena", "insignificante", em Maué é: "curin-en-ço-êê-çáa-uê").

(Como sobre uma placa pequena de espelho, vinda do céu, estava caindo sempre uma gôta dagua: tan! tan! tan!)

O sino de hoje, explicou-me o narrador, é a imagem daquele pocinho e daquela gôta. Gôta dagua: "hon-hon-mé"!)

— Isso, então, é que é a Agua, minha tia? perguntou-lhe a criança.

(“Aicó-at-té hamonia terauan mapamunguê”).

— E' isso... (“Meon at-pé uê-tê”).

— Ah! admirou-se ele. Eu pensava que era grande!

“Ahe-pain! Coé-pain! Etam nocapêi tatú enoi”.

A tia ficou zangada com o pouco caso que o menino fizera da invenção do Jejú. Como era uma feiticeira má, fez logo um feitiço contra o sobrinho. Porque naquele pocinho estava a "Primeira Agua" ou o "Principio da Agua".

Imediatamente o menino começou a queixar-se de tonteira, de peso no estomago, de falta de ar, e despediu-se da tia, voltando para casa, onde se queixou ao pai.

Sabendo que o "Surury-pacú" estivera em casa dos tios, disse logo o "Surury-tênón" que o filho estava enfeitado ("toiácuré") e mandou que o menino fosse procurar remedio com quem o enfeitara.

O menino foi.

Como o Jejú, ao chegar da viagem com o Matrinchão, fôra avisado pela mulher da visita do sobrinho e de have-lo enfeitado, bebeu depressa a agua do pocinho e a vomitou numa cuia, antes do sobrinho, que já sabia em caminho, chegar-lhe á casa.

Não demorou muito tempo, chegou o menino. Os tios o receberam "fingindo alegria" ("aimoépê").

O menino lhes pediu remedio, queixando-se de dôres na cabeça e no estomago.

— Está aí! disse-lhe o Jejú, apontando uma cuia onde vomitara a agua do pocinho: E' teu todo.

— O menino bebeu a agua vomitada e logo as suas dôres aumentaram, a barriga lhe foi inchando, inchando.

O menino pediu aos tios que lhe curassem as dores da barriga com o "marari" ou "açua" (maracá de pagé).

O tio passou-lhe o marari pela barriga, uma, duas... e á terceira vez a barriga do "Surury-pacú" estourou, dela começando a correr grande quantidade dagua, que foi enchendo a casa e ameaçava cobrir os que estavam nela.

Vendo isso o Jejú mandou chamar o Morcego (Zaquê-Y), a Andorinha, (Muquiá) a Ariramba (Arirambá), o Sapo.

O Morcego e a Andorinha vieram, mas, vôando, só roçavam a agua; nada mais faziam.

A Ariramba, a Garça, o Maguary, vieram, também. Voaram sobre a agua e foram ficar sobre os paus, só espiando.

O Sapo, assim que viu a Agua, contente, foi logo saltando nela aos gritos.

— Ah! Agora a gente já pôde se banhar. E... tibúam! caiu nela, pondo-se a cantar noite e dia.

A voz dele é baixa e rouca porque ele só conta no fundo dos lagos e dos rios.

Então o Jejú mandou chamar o "Surury-tênón", pai do menino.

O Surury veio. O Jejú lhe pediu que fosse abrindo caminho para a Agua.

— Ora, isso é facil! respondeu o Surury-tênón.

Pôz-se a fumar cigarros de tauary, jogando as pontas para os cantos da casa, uma, duas, tres, quatro veses.

E atirou-se, em seguida, nagua, procurando abrir caminho para a mesma e, passando por sob a batente da porta, até que conseguiu sair da casa dos "muricariua" e arrastar consigo a Agua.

O Jejú só fazia recomendar-lhe que não olhasse para traz "para a Agua fazer o rio direito e não tórto".

O Surury-tênón, porém, não quis atender o Jejú e foi á frente da Agua, cavando o leito do rio, mas olhando para os lados e para traz.

(Por isso as cabeceiras do Rio Andirá são feias, cheias de arvores e de igapós).

Os "muricariua" (peixes) vendo que a Agua crecia cada vês mais e mais, resolveram mergulhar nela e saltar de um lado para outro.

As aves-arirambas, socós, garças, marrecas, marrecões, ananys, andorinhas, — ficaram pelas arvores das margens do Rio Andirá. E com elas os morcegos.

"Icuaman", sabedor de que a Agua tinha formado os rios, os paranás, os lagos, os igapós, disse:

— Agora é que vou me vingar; já sei que os "muricariua" foram os assassinos do meu filho.

Vou arrancar o Timbó!

E foi. Mandou chamar "Ocúmáató" e contou-lhe o que ia fazer.

E convidou toda gente para o ajudar num putirum.

Vieram os convidados. "Icuaman" recomendou-lhes que não deixassem mulher prenha pegar no Timbó, senão o timbó ficaria sem força ("tôharú", que é em lingua Maué, o mesmo que "çarú", em lingua geral).

E batendo feixes de timbó alastrou a Agua com o suco da planta. Todos os peixes, então, começaram a ficar tontos, a vir á tona da Agua, bebidos — (Os peixes já estão bebidos de timbó, em Maué, se diz assim: "pirá-coi-iát-uambá-acoche-ponam").

A gente, aos gritos, apontava os peixes:

— "Tópáp, uê-tê-pirá"! "Tópáp uê-tê-pirá"! Os peixes já estão morrendo! Os peixes já estão morrendo!

"Icuaman", "Ocunáatô" e os companheiros foram pegando os peixes mortos, á tona dagua; só pegavam os maiores. Ariramba, garça, maguary, sócô comiam os pequeninos.

Ora, a Onça é a mulher, vendo tanto peixe, pularam nagua, esquecida, ela, que estava de filho.

Assim o timbó ficou logo "çarú" (tóharú), deixando de embebedar os muricariua (peixes).

"Icuaman" notou logo que fôra desobedecido e o resultado era aquele. Para castigar a Onça tirou-lhe a sombra (matou-a) e plantou-lhe os olhos no "Noçoquêm", deles nascendo a Castanheira.

O Surury, dizem, mora hoje no Amasonas.

HISTORIA DO GUARANA'

Antigamente, contam, existiam tres irmãos: dois rapazes e uma moça: "Icuaman", "Ocunáatô" e "Onhiámuáçabê".

A moça era dona do "Noçoquêm", ("Noçoquêm" é uma especie de sitio encantado, que já hoje os Maué confundem com o Paraizo dos catholicos.

"Onhiámuáçabê" é confundida com a Natureza, que eles chamam "Hanêréá").

A moça não tinha companheiro, mas todos os bichos queriam viver com ela.

Os irmãos, porém, a queriam sempre na companhia deles.

Uma cobrinha, conversando com outros bichos, uma vês, disse que "Onhiámuáçabê" acabaria sendo mulher dela.

Foi, então, espalhar pelo caminho, por onde a moça passava todos os dias, um cheiro que atraia e alegrava "Toácamin-cé-apon").

Quando "Onhiámuáçabê" passou pelo caminho disse:

— Que cheiro bom !

— A cobrinha, que estava perto, disse a si mesma:

— Eu não dizia ! Ela agradou-se de mim !

E, correndo, foi estirar-se mais adiante, para esperar a moça.

E ao passar-lhe esta perto, levemente, tocou-lhe a uma das pernas.

E só isso bastou para que a moça ficasse preta, porque, antigamente, para uma moça ficar preta, bastava ser olhada por alguém, — homem, bicho, ou arvore — que a desejasse para mulher.

Ora, os irmãos de "Onhiámuáçabê" não queriam que ela se juntasse com gente ou bicho e tivessem filhos.

Porque a moça era quem conhecia todas as plantas e com elas sabia preparar os remedios, de que precisavam.

Quando "Onhiámuáçabê" apareceu, por isso, preta, os irmãos ficaram com raiva dela, falaram, dizendo que não queriam nunca ver-lhe o filho.

Chegou o dia do nascimento da criança.

"Onhiámuáçabê", depois do parto, na barraca feita por ela mesma, lavou a criança e tratou de cria-la.

Era um menino bonito e forte; e cresceu forte e bonito até á idade de falar.

Logo que poudo falar, o menino desejou comer as mesmas frutas de que os tios gostavam: banana ("pacúa"). "oichi", "caramary" (oahp).

"Onhiámuáçabê" contou ao filho que, mal o presentiu nas entranhas, plantara no "Noçoquêm" uma castanheira ("oên-inhan") para que ele lhe comesse os frutos, mas que os tios dele, tendo-a expulso da sua companhia, se apoderaram do "Noçoquêm" e não o deixariam comer castanhas.

Além disso, os irmãos de "Onhiámuáçabê" tinham entregue o sitio á guarda da cotia (acury), da arara ("étá-cú-cú"), em Maué (antigo), do periquito ("uquiry").

O menino, porém, continuou a pedir a "Onhiámuáçabê" que lhe desse a comer as mesmas frutas que os seus tios comiam. Um dia então, "Onhiámuáçabê" resolveu levar o filho ao "Noçoquêm", para que comesse castanhas. Assim, indo a cotia ao "Noçoquêm" viu no chão, debaixo da castanheira, as cinzas de uma fogueira, onde haviam assado castanhas.

Correu a Acury e foi contar aos irmãos da moça.

Um deles disse que não podia ser verdade: o outro disse que talvez o Acury se enganasse.

Discutiram.

E, afinal, resolveram mandar o Macaquinho-da-boca-roxa (anunã-hin-nin) ou coxóxo tomar con-

ta da castanheira, vêr se aparecia gente por ali.

O menino, que tinha comido muitas, muitas castanhas e cada vês mais as cobiçava, já conhecendo o caminho do Noçoquêm, no dia seguinte tornou a ir lá.

Ora, os guardas do Noçoquêm, que tinham ido adiante, com ordem de matar quem ali estivesse, viram o menino subir, ás pressas, á castanheira. E, estando proximo, a observar, correram e foram espora-lo debaixo da arvore, armados, com uma cordinha de curauá (urauá), para decepar a cabeça do comedor de castanhas.

Dando por falta do filho a mulher já se havia posto a caminho, para o buscar, quando lhe ouviu gritos.

Correu na direção, dos gritos, mas já encontrou o filho decepado, ás mãos dos guardas (iapecô-háp).

Arrancando os cabelos, chorando e gritando, sobre o cadaver do filho, a mulher disse:

— Está bem, meu filho. Foram teus tios que mandaram te matar. Eles pensavam que tu ficarias um coitadinho (ihaquêaimon), mas não ficarás.

Arrancou-lhe, primeiro, o olho esquerdo e o plantou.

A planta, porém, que nasceu desse olho não prestava: era o uaraná-hóp.

Arrancou-lhe, depois, o olho direito e o plantou.

Desse olho nasceu o guaraná verdadeiro: o uaraná cêcê.

E continuando a conversa com o filho, como si o sentisse vivo, foi anunciando:

-- Tu, meu filho, tu serás a maior força da Natureza (Hanêréá); tu farás o bem a todos os homens; tu serás grande; tu livrarás os homens de umas molestias e os curarás de outras.

Em seguida juntou todos os pedaços do corpo do filho. Mascou, mascou as folhas do "upip-aypoc" (planta magica) lavou o cadaver do filho e o enterrou.

Cercou-lhe a sepultura com estacas e deixou um dos seus guardas, vigiando-a.

Recomendou a esse guarda, que era o Caraxué (êe-l ut) que a avisasse ao ouvir qualquer barulho saído da sepultura do filho, pois ela logo saberia quem era.

Passados alguns dias o Caraxué, ouvindo barulho na sepultura, correu, correu e foi avisar Onhiámuáçabê.

A mulher veiu; abriu o buraco da sepultura e de dentro dele saiu um Coatá (tuá-há). — A' proporção que saía um bicho, o pé de guaraná, nascido do olho direito do menino, ia crescendo, crescendo.

Onhiámuáçabê soprou sobre o Coatá e o amaldiçoou: andaria sem repouso pelos matos.

Fechou de novo a sepultura e lançou-lhe em cima o sumo das folhas do "upip-aypoc", que mastigara.

D'as depois o Caraxué foi avisar-la que ouvira um barulho na sepultura do menino.

A mulher veiu — abriu o buraco da sepultura e dele saiu o Calarára (ahué).

Ela soprou sobre ele e o amaldiçoou para que ninguém o comesse.

Fechou de novo a sepultura: e foi-se embora.

Dias depois o Caraxué foi avisar que ouvira, de novo, barulho dentro da sepultura.

Onhiámuáçabê foi até lá. Abriu a cova e dela saiu o Queixada (uary-túrurú), levando os dentes que deveriam caber aos Maué e a todos os homens.

No outro dia o Caraxué ouviu barulho na sepultura e foi avisar Onhiámuáçabê.

Ela veiu, de novo, abriu a cova e de dentro saiu uma criança que foi o primeiro Maué, origem da tribo.

Esse menino era o filho de "Onhiámuáçabê" que revivera.

A mulher agarrou-o, sentando-o nos joelhos. E pôz-lhe na boca um dente feito de terra.

(Por isso nós, os Maué, contam, nacemos de cadaver "icançoque" e o nosso dente apodrece).

A mulher foi levando, tudo, tudo, devagarinho, os pés, a barriga, os braços, o peito, a cabeça do menino com o sumo das folhas do upip-aypoc, que mastigara.

Quando ela estava entretida fazendo isso com o filho os seus irmãos chegaram, de repente, e a obrigaram a deixar de lavar a criança.

Este é o motivo porque o Maué não muda a pele como cobra.

NOTA — Antes de narrar-me esta lenda Manoel Francisco da Silva explicou que o guaraná, também, tem “o valor de uma “patente”, do “aiuêcaiká-ráp” ou “porantim”. O Guaraná é bom para fazer chover, para proteger a roça, para curar certas molestias e prevenir outras, para fazer vencer na guerra, nos amores, quando dois rivais pretendem a mesma mulher.

Não lhe reconheciam os Maué, porém, virtudes afrodisíacas.

sobre uma peça etnografica dos maué

PROCEDENCIA

Segundo a tradição o remo magico, que é o Porantim, veio, pelo tempo a fora, das mãos do Tuxaua UACIRI-PÓT, que o fez, para as mãos do tuxaua MURATÚ, que, morto, o deixou para seu filho, o Tuxaua Antonio Miguel Ferreira, e este, por sua vés, para o tuxaua Antonio Alexandre Carvalho, residente em São José, embora em Ponta Alegre esteja localizado um Posto do Serviço de Proteção aos Indios. E isso sempre se tem verificado, porque, respeitando essa mesma tradição, morto um tuxaua, automaticamente essa peça passa ao seu sucessor, que não a conserva em seu poder, mas na TERRA PRETA, confiando-lhe a guarda não ao Tuxaua desse aldeamento mas ao “tenente” Manoel Francisco da Silva, nosso guia e intérprete.

Do tuxaua UACIRI-PÓT sabem que era um grande pagé, tendo o poder de prender a MÃE da DOENÇA no terreiro, graças a esconjuros, a sopros, a gestos de magia e traços sobre a areia.

UACIRI-PÓT, além disso, era o contador de historias da tribo, das mesmas historias que nos estavam contando o “tenente” Manoel Francisco da Silva e o tuxaua Honorio Joaquim de Oliveira.

Todas as historias contadas por UACIRI-PÓT estão no PORANTIN.

Segundo a lenda — que faz parte do ciclo simbolizado em pontos ou pequenos discos nas gregas do PORANTIN — viviam antigamente, nas terras do Andirá, dois irmãos — MARI-AIPOC e URIHÉ-I.

Naquele tempo as terras eram férteis e cheias de caça como o NOCÉQUEN, que era um lugar onde ONHIAMUACABÉ plantou a castanheira.

MARI-AIPOC era o chefe de todos os MAUÉ. A gente era feliz...

Mas um dia apareceu uma barata maior que um jaboti, chamada APEEUATÓ e com ela veio a MÃE DA DOENÇA.

Dali em diante não houve mais frutas, nem guaraná, nem batata doce, nem cará, nem mandioca, nem peixe, nem inhambú. Os MAUÉ passavam fome. Havia muitos MAUÉ.

Então MARI-AIPOC combinou com o irmão que se fossem embora dali; esperaria o irmão, no porto. E, dando-lhe um dos seus remos, foi logo reunir a sua gente.

O irmão, porém, não quiz ir das terras onde tinha a sua roça. Chegado ao porto, MARI-AIPOC esperou, esperou pelo irmão. URIHÉ-I não apareceu. MARI-AIPOC mandou preparar a canôa, embarcou com a sua gente e baixou pelo Andirá, para os lados do Amazonas.

No lugar, que MARI-AIPOC deixou, ficou o breu.

LOCALIZAÇÃO

O PORANTIN, como dissemos atrás, está na TERRA PRETA, aldeia fundada pelo tuxaua Antonio Miguel Ferreira, distando oito horas de viagem, a pé, do lugar VILA NOVA, aldeia indígena onde mora o “tenente” Manoel Francisco da Silva.

Envolvido em jornais velhos e papel de embrulho, guardam-no, cuidadosamente no côro de pequena igreja: ninguém o retira dali sem ordem vinda do tuxaua geral residente em São José.

TERRA PRETA é um lugar decadente, já tendo ali comerciado um judeu, por ordem do falecido tuxaua Antonio Miguel Ferreira.

DESCRIÇÃO

Em madeira escura, pesada, foi talhado esse remo.

Seu comprimento é de 1m,40 centímetros e sua largura extrema é de 11 centímetros, em contraste com a do cabo, em forma de cajú ou de pião, terminado em ponta rústica, mal lixada, da qual já destacaram lascas.

Os MAUÉ lhe distinguem duas faces; na anterior foram esculpados símbolos, recobertos, depois, com finíssima camada de argila branca e de argila vermelha, sendo que esses símbolos começam alguns centímetros acima do cabo, dominando o braço da peça, a traços leves, que são como que o esboço dos losangos e das gregas firmemente esculpados na madeira.

Os pontos e as linhas desses símbolos foram polidos, revelando-se com a côr de azeviche, de certas madeiras da região: na face posterior aparecem os mesmos desenhos da face anterior, nas partes superior e media, com as gregas e escalonados.

Dai para baixo não ha nenhum desenho.

A espessura da peça varia do cabo — em forma de cajú ou de pião — para a extremidade superior, que tem 2 centímetros de espessura e é achatada, com os lados em gume, mas não cortantes, e lixados cuidadosamente.

O cabo não se parece com nenhum dos tipos de cabos conhecidos, pertencentes a remos indígenas.

E toda a forma da peça difere inteiramente da dos tipos de remos indicados no mapa de Nordenskiöld que lhes explica a distribuição pela area etnografica da America do Sul, da qual a Amazonia é das mais importantes e das menos exploradas.

Duplas e triplizes linhas de escalonados, abaixo dos primeiros e acima dos ultimos losangos, dão ao conjunto de símbolos um gracioso movimento, como identicos escalonados no bojo e rebordos das gunas peças marajoaras.

Examinamos com lupa de forte aumento e com uma objetiva Zeiss toda a peça, procurando manchas de sangue, pêlos, fragmentos de ossos, sinais que costumam os indios traçar, fixando o numero de inimigos abatidos, no cabo e na folha de clavas e burdanas, nada encontrando que denunciasses a utilização dessa peça em sacrificios humanos, em combates, ou, como remo, que houvesse sofrido a ação continuada dagua, carcomendo-o.

DENOMINAÇÃO

Chamam-lhe AIUÊCAIKA'-PORANTIN que quer dizer grossus modus, segundo o nosso interprete e guia, “o remo” que é a nossa “patente”, que nos dá “força”; chamam-lhe, também, simplesmente, PORANTIN, que significa remo pequeno.

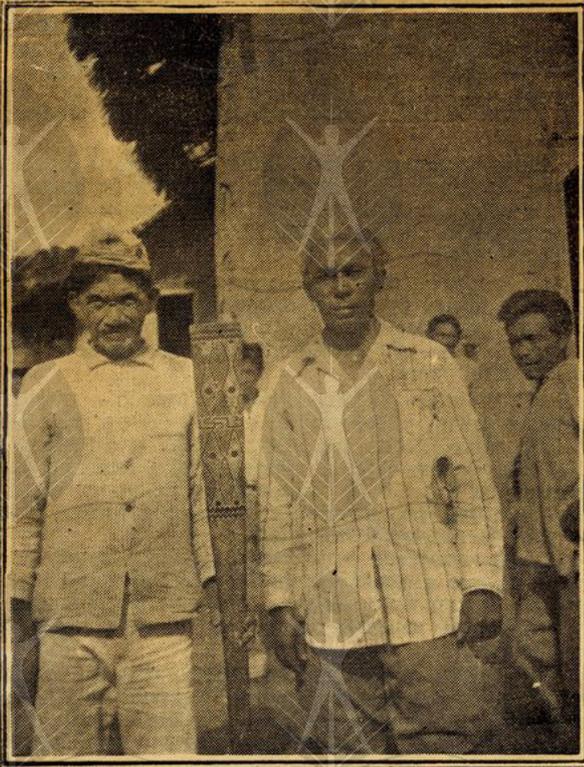
Ambos os vocabulos vêm do MAUÉ antigo.

PORA', que recolhemos e incorporamos ao nosso vocabulario, significa uma peça, em forma de pá e de remo, trabalhada em páu ferro (curucú-êp) que aparece entre os utensilios dos torradores de guaraná.

O cabo do PORANTIN se denomina, como o dos verdadeiros remos, “Iúê-êp”. O vocabulo AIUÊCAIKA', cujo significado não é, em realidade, bem preciso, pode lembrar vocabulos significando matar, tanto em Maué, como em Parintintin e noutras linguas filiadas ao Tupi.

Fizemos, entretanto, o interprete e guia pronun-

cia-lo, varias véses e em circunstancias diversas, re-
ceiando que o pronunciasse errado propositalmente,



o «atenente» Manoel Francisco da Silva encarregado da guarda do «porantin», ao lado de Nunes Pereira

para lhe ocultar o verdadeiro sentido e, quiçá, a real utilidade daquela peça.

E, quando isso não acontecesse, em relação ao vocabulo citado, poderia verificar-se o que em relação a certos vocabulos guarani escreveu Miguel Tenorio de Albuquerque em seus "Apontamentos para a Gramatica Ava-nêe".

Sempre, porém, lhe ouvimos, exatamente, "aiué-çaiká", e sempre deu a esse vocabulo a significação do "remo", de "patente", de "força", de "lei", explicando-nos que com esses significados pretendia que compreendêssemos o valor que o PORANTIN possuía para todos os MAUÉ.

No vocabulario levantado por Curt Nimuendajú não consta o vocabulo "porá", também não constando "ajjúçaiká". Remo ali é "apokuitáb"; remador é "veapukuyhád"; a voz imperativa rema! é "ereapukuy ro".

Em Tastevin encontramos "apocoi", como remar; "apocoitawa", como remo, e "re apoecoi" como rema!

Os Kuruayá, segundo o mesmo Curt Nimuendajú, denominam remo "pura za"; o cabo desse utensilio é "pura za ib".

SIGNIFICAÇÃO DOS SIMBOLOS

Na face anterior da peça, que ora apreciamos, logo acima do cabo, na metade do braço do chamado remo, os losangos, ligeiramente e confusamente esculpados na madeira, significam, segundo o nosso interprete e guia, as origens, os primeiros dias da tribo.

Depois da dupla ordem de escalonados, que limitam esses losangos imprecisos, aparecem outros losangos, melhor e mais firmemente esculpados, onde se destacam dois discos negros, incompletos. Esses discos representam o começo do mundo, isto é da existencia dos Maué, ligados a seres e a coisas da terra. Chamam-se "écaué".

Entre esses losangos e os da parte superior da peça apareceu uma grega e, no meio das suas linhas em relevo, 46 pequenos discos, também em relevo, que simbolizam acontecimentos guerreiros, sociais, politicos e religiosos, bem assim lendas conhecidas por grande numero de individuos da tribo que as narram enfaticamente ou animadamente, ajuntando-lhes versos da FESTA DA TOCANDIRA, ou imitando cantos e vozes de animais, sem, entretanto, chegar á expressão mimica. — comentario eloquente e elucidativo — tão ao agrado dos Parintintin, nar-

raido, por exemplo, O ROUBO DO FOGO ou certas "experiencias" do semi-deus Bahera, rival em aventuras e farças do heroi "sem nenhum carater", que é o Macunaima de Mario de Andrade e de Koch Grunberg.

Os discos, a nosso vêr, podem, igualmente, ser identificados como um místico "Bruder Paar", tais os que, na mitologia tupi, Ehrenreich viu confundidos sob a denominação de Maire Poxi e Maire Monan, porque, nas lendas do GUARANA', do TIMBO' e da MANDIOCA APARECEM DOIS IRMÃOS, ora UACIRI PÓT' e URIHÊ-I, da origem do Porantin, ora ICUAMAN e OCUMAATÉ, ora os dois Sapos O-OC.

Os MAUÉ, porém, não parecem ver nesses simbolos os irmãos que são personagens das suas maravilhosas historias.

Tambem não ligam a esses simbolos a figura de ONHIAOÇABÊ, irmã dos mesmos e mãe da criança metamorfoseada em guaraná; nem lhes ligam, também, a figura feminina de VONHAMANGARÚ, personagem da historia da criação da terra.

Esses pequenos discos ou pontos representam um ciclo de lendas, do qual só recolhemos algumas das principais, mas a elles se ligam, também, como já foi dito, os fatos remotos, mais importantes da tribo.

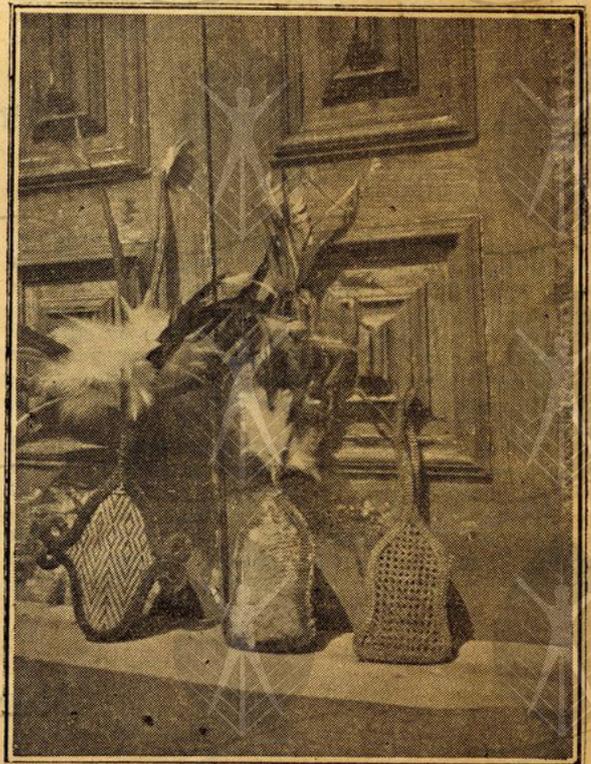
Na parte posterior do remo ha outros losangos, outros discos, outra grega, outros escalonados, outros pequenos pontos; relacionam-se, entretanto, com uma outra epoca da existencia dos Maué, que não nos quiseram referir.

Deram-nos a entender, porém, que a narrativa de fatos modernos não tem sido continuada á falta de quem por isso se interesse.

Ha uma expressão dos MAUÉ, diante do PORANTIN, que lhe revela a importancia mitica, historica, social e magica: "Ele nos fala".

Querem dizer, sem duvida, com isso, que nos simbolos que o ornamentam se enceram as suas origens divinas e o seu destino humano, as lições dos antepassados e as suas leis, o seu código moral e a sua fé, a sua poesia e a sua arte.

Outros remos lendarios, como o PORANTIN dos MAUÉ, aparecem na Mitologia Amazonica, tais os que estão no Museu de Gothenburgo, achados por Curt Nimuendajú ás margens do Içana, e outros de que nos fala Stradelli, e mais aquele de que nos fala Koch Grunberg, que a indiada retira das patas de



çarys ou luvas usadas na «dansa da tocandira»

um crustaceo comum ás aguas da Guiana Brasileira, na crença de que tais reminhos trazem felicidade, amparam os viajantes.

Henry Wassén, estudando o sapo como motivo na Mitologia indígena e na imaginação universal, salienta o papel daqueles, embora esquecesse a referência de Stradelli, por todos os motivos tão ilustrativa como a de Nimuendajú, relativamente ao remo que o sapo ARÚ utiliza no transporte da MÃE DA MANDIOCA. Dos remos encontrados no baixo Içana escreveu Curt Nimuendajú o seguinte: "Bei niedrigen wasser-stand findet man biswellen am Ufer derartige Ruder, über deren Herkunft die heutigen Içana-Bewohner nichts positive wissen. Da die Zeit, in der man sie findet, mit dem Auftreten dichter Flussnebel und einer gewissen Froschhart (beides in der Lingua Geral "arú" genannt) zusammenhängt, so schreiben sie sie dem sagenhaften froschwolk der ARÚ zu, von dem sie annehmen, dass es in diesen Nebeln fluchtartig flussaufwärts ziehe. Eine ähnliche Sage über ähnliche Bodenfunde besteht auch am oberen Rio Negro".

E Stradelli escreve: "ARÚ apucuitá-Remo de arú. Assim chamam no Rio Negro uns velhos remos, ou melhor, uns restos de remos que de tempo em tempo se encontram nas suas margens, e que têm o aspecto de objectos longamente enterrados, só ficando ainda as partes mais duras. Pelo feio, tão diferente dos que hoje se usam, dir-se-ia pertencerem a alguma antiga tribo hoje extinta. A tradição os liga á lenda do ARÚ, e seriam os restos do remo, de que ele se serve quando traz a MÃE da Mandioca. Afirmam que trazem prosperidade a quem os encontra e que basta queimar um pedacinho do remo do Arú, quando se queima o roçado, para que nunca mais abandone a roça e para ela traga sempre a MÃE da Mandioca. A forma do remo, que é de madeira durissima, é a de uma pá de forno, da altura de um metro e pouco, sendo o comprimento da pá de um terço.

Do lado da impugnadura, muito cuidadosamente, acabam em ponta, parecendo indicar que eram ao mesmo tempo remos e armas de guerra. Que são objectos muito antigos o diz o estado em que se acham. As partes molles da madeira já não existem, e em muitos casos são substituídos pelo deposito silicoso. Dos remos, atualmente usados, os que se lhes aproximam, com a diferença de não ser apontados do lado da impugnadura, são os que usam os Apamaris".

Nenhum desses remos descritos por Nimuendajú e por Stradelli guardam nos seus desenhos sim-

bolicos as vozes da tradição de um povo e a poesia das suas lendas como o PORANTIN dos MAUÉ.

Não será, portanto, absurdo, situa-lo nessa Mitologia Indígena mais como um remo magico e arma simbólica de guerra, ao mesmo tempo, do que como bastão de mando, que entre eles, segundo vemos em Martius, era enfeitado de penas e tinha outra forma, e como clava, pois que as suas tinham forma diversa.

Dado o commercio dos MAUÉ com tribus do Rio Negro, não seria de estranhar que para lá houvessem levado a crença na força, no poder magico, no valor historico do seu PORANTIN, ou de lá a houvessem trazido.

Quer nos parecer, porém, que essa crença é tipicamente Maué, porque não temos noticias de outro povo que vote tamanho culto a esse objeto e tenha a sua historia profundamente ligada aos seus deuses-simbolicos.

Resta indagar — e nós esperamos faze-lo — noutra visita á tribo e, sobretudo, assistindo na TERRA PRETA uma FESTA DA TOCANDIRA, si o PORANTIN entra como objeto indispensavel á festa ou somente por ocasião da transmissão de poder a um novo tuxaua, na cerimonia realisada, enfim, por ocasião da morte de um chefe.

Pode acontecer, entretanto, que estejamos enganados, que a nossa conclusão seja inadmissivel e, em vés de um remo-magico, seja essa peça somente um bastão especial de mando ou simplesmente uma clava.

Aí, então, investigadores mais atilados, mais cultos, donos de maior penetração psicologica e intimos de documentos historicos e tradições mais eloquentes, com material que se preste a um estudo comparativo, poderão contrapor uma conclusão áquella que ora submetemos á apreciação dos estudiosos das culturas indígenas.

E ante ella nos curvaremos respeitosamente, por termos sempre á memoria, como W. Schmidt, que "um investigador que procura sinceramente a verdade objetiva, ficará especialmente agradecido á critica leal de outro investigador que olha de um angulo diferente, porque tal critico lhe pode descobrir sua debilidade inevitavel e ajuda-lo na conquista da verdade completa, melhor do que o faria um amigo".

conclusões

A peça etnografica PORANTIN, encontrada entre os indios MAUÉ do lugar TERRA PRETA, no Alto Rio Andirá, Estado do Amazonas, Brasil, é um remo magico e uma arma de guerra, ao mesmo tempo, e não um bastão de mando ou clava.

Nela foram esculpados simbolos representando ações mitologicas e humanas dos antepassados dos MAUÉ e as tradições e lendas narradas pelo tuxaua UACIRI-PÓT.

As lendas ali representadas constituem um ciclo e algumas delas explicam as origens do Porantin.

Os remos magicos do ARÚ, da tradição indígena do Rio Negro, no Amazonas, podem ser relacionados ao PORANTIN dos MAUÉ, mas o culto que estes lhe votam, a sua significação social, religiosa e mitica está indicando que, primitivamente, em época an-

terior ao Regimen Colonial, os MAUÉ já o haviam revelado ás tribus da referida região. A lenda da MANDIOCA e dos sapos O'-ÓC, contada pelos MAUÉ e pertencente ao ciclo simbolizado no PORANTIN, é anterior á crença dos remos magicos assinalada por Stradelli e Nimuendajú no Rio Negro e por Koch Grunberg no Rio Branco (Guiana Brasileira).

Os MAUÉ já haviam revelado o culto do PORANTIN ás tribus dessas regiões com as quais mantinham amizade.

O autor, entretanto, subscrevendo estas conclusões, não as dá como definitivas, pois vai continuar pesquisas entre os MAUÉ localizados acima das cabeceiras do Rio Andirá, nos limites do Amazonas com o Pará.

documentos

Illmo. e Exmo. sr.

Paresemme que V. Excia. já terá noticias de quem era João Portes, e o modo de vida que tem tido por este sertão; agora direy a V. Excia. e como

lhe tirou o Gentio Maooz, de quem elle tinha recebido filhas para mulher.

Quando aqui se achava o Exmo. Snr. Francisco Xavier veyo o ditto Portes, com huns poucos de

Principaes da Nação Maooz, dizem do que estes se querião desser, e hum delles trazia huma faca a qual vinha destinada para mulher de João Portes, e como hora preciso primeiro se instruisse no Catolicismo na. se bautizar, mandou V. Excia. que ficasse aqui, em casa de hum morador, aonde se lhe servia com tudo o que lhe era preciso; e retirandose João Portes, com os Principaes, a fazer Dessimento, a que foy tambem Manoel de Azevedo; já V. Excia. estará bem, informado do sussesço que teve esta Deligencia razão porque o não referiria V. Excia.

Depois da retirada de Manoel de Azevedo, com os poucos Indios que se Desserão veyo outra vez para esta villa João Portes, e o Principal Xaldató, pay da Mulher que aqui tinha ficado; e este me disse, que se não rezolvia a Desserse para fora do seu rio; porem que queria ser catolico e vir para o Gremio da Igreja; e esta mesma pratica dezia tambem este Principal ao Exmo. Snor. Franchico Xer. quando aqui estava, e como eu duvidava da sua cristandade lhe não dey credito disto; porém João Portes, me segurava que elle sortamente se queria Desser, e que queria fazer huma aldeya no Rio a que challe com sua gte. queria fundar ada. Povoação. Como este Principal absolutamente se não queria tirar de seu Rio com vim eu que com efeito se fizesse o Rossado no Sitio que elle destinavão; porque el Rey não tinha nisto o maes Leve prejuizo, por não correr com cauza alguma para o seu estabelecimento, e João Portes me dizer que depois de elles aly estarem maes facilmente. se poderião mudar para este Rio, onde S. Excia. os queria por, e tambem; porque o lugar em que havia de ficar esta povoação não deychava desser conveniente, por ficar entre o Rio da Madra. e o Amazonas.

Recebeo se aqui João Portes com a fa. do Principal e depois de huma breve demora foy o Principal intra. mte. satisfeito, a buscar a sua gente, e João Portes, adar principio a Rossar, e fazer os Tijuapares precizos para elles se recolherem, quando chegassem; e vindo o d. Principal com toda a sua gente, me constou estarem muito satisfeitos do sitio, e entrarem a trabalhar com grande gosto.

Porem constando isto ao outro Pral. da mesma Nação chamado Nunceseré o qual tinha dado tambem em outro tempo huma fa. ao João Portez, pa. sua Mulher, e contando-lhe agora que o do. se tinha recebido com a fa. de Pral. Xoldató, que tinha a sua filha de quem já tinha filhos, veyo com toda a sua gente ter com João Portez, e com o Pral. Xoldato dizendo que se queria tambem Desser pa. aquella Povoação e para fazer melhor a sua empreza disse ao Pral. Xaldató que sua mor. estava muito mal para morrer, e que lhe pedia fosse falar Logo que o d. Pral. fez promptamente, indo com a mayo parte da sua gente pa. a sua tera.

Ao outro dia pela manhã que erão 4 de julho estando João Portez fazendo hua porta chegarão a elle os ditos Indioz como admirados de verem a porta e quando oa panharão desedo, o matarão co-

mos mesmos machados, e fouces que o morto lhe tinha dado para principiarem a rossar.

Matarão tambem hum morador do....., que ali se achava fazendo Oleo deCopauba, chamado Manoel Nunes, ahum preto de João Portez, e ahum Indio da V. de Serpa.

Estas notas. trouxe huma India q. aly se achava a qual fugio da Va. de Serpa, com o Indio que matarão, e dis a mesma India deycharão vivoz para lhe servirem de guias para Va. de Silvos, donde querião ir buscar a fa. de seu Pral. que he a da q. João Portez abandoncu; por cuja cauza fizerão essa traição.

Constandome isto por hua Carta q. me escreveu hum Cabo de Esquadra q. seacha Nava. de Serpa, Mandey Logo daqui Seis Sol. dados com hua ordem, do Tenente Teodoro da Frota, pa. que fosse a Va. de Silvos aonde esta a fa. do Pral. Nunceseré q. he o traydor para que deychasse nada Va. os seis Soldados para com os Moradores q. ha nella poderem fazer hum Corpo Capas de reprimir, e castigar aquelle gentio no cazo que ponha Obra os seus intentos do que duvido; e tambem para meinformar com mayor individuação deste cazo, conduzir pa. esta Va. não só a fa. do Principal, mas algumas pessoas q. aly se achão pertencentes aos ditos Maooz que todos me consta querem vir pa. aqui donde a legitima Mes. de João Portez.

O Pay desta que he o Pul Xaldató não sey o que fará neste cazo, aqui me dizem algumas pessoas, que agora poderá de todo perder o amor ás suas terras e vir comtoda a sua gente pa. aonde está a fa. no cazo q. assim faça bem será, e de todo o qu. se passar darey parte a V. Exca. Nova Va. de Barcellos 1 de Agosto de 1759. Ilmo, e Exmo. Sr. Manoel Bernardo de Castro.

(Da correspondencia de diversos com os Governadores — 1759-1760. Documento existente nos Arquivos da Bibliotéca do Pará).

Trecho da Carta Instrutiva que se escreveu aos Directores das Capitancias do Pará e Rio Negro no ano de 1769. Este documento, existente no Arquivo Publico de Belém, foi assinado pelo Governador Fernando da Costa de Ataíde Teive, em 3 de Outubro de 1769.

“Ao cabo da canoa dará V.Mcê. ordens em meu nome no acto da partida pa. o Sertão, de não entrar em rio aonde conste qe. se poderá encontrar com Indios da Nação Mangués, porq. tendo mostrado a experiencia que esses miseraveis homens resistem as praticas que se lhe fizer, para cairem das trevas do paganismo, pela introdução das ferramentas, e outros generos que vão comerciar com elles; he necessario reduzi-los a necessidade, para delles tiremos os fructos de os descer, quando se virem preconizados, o qe. ha de certamente vir a suceder, vendose cettituidos do socorro que athe aqui inconsideradamente lhes tem levado...”

cadernos terra imatura

2

poetas modernos da amazonia

no proximo numero







AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA